GT – 15: Práticas culturais na produção da cidade

AS RODAS CULTURAIS COMO TERRITÓRIOS JUVENIS

Um estudo sobre as rodas de Niterói

Autora: Letícia de Souza Blanco
Filiação institucional: Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail:leticia.blanco802@gmail.com

RESUMO: As rodas culturais são manifestações artísticas que unem expressões ligadas ao movimento *Hip Hop* (o *break*, o grafite, o *rap*, o *DJ*, as batalhas de rima e a poesia) em espaços públicos da cidade. O objetivo deste trabalho é compreender de que forma os jovens periféricos, que participam das rodas culturais, vêm se apropriando simbolicamente da cidade, ressignificando-a e consolidando territórios juvenis pelo espaço urbano a partir de sua prática cultural. Como metodologia foi feita uma pesquisa exploratória baseada em revisão de literatura mediante levantamento bibliográfico e pesquisa de campo pautada na observação participante, sendo acompanhadas cinco rodas culturais da cidade de Niterói. Conclui-se que as rodas culturais se consolidam como territórios juvenis visto que nelas os jovens se apropriam dos espaços que ocupam, celebram, forjam suas identidades e expressam suas territorialidades.

Palavras-chave: territórios juvenis, rodas culturais, jovens periféricos

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado é resultado da pesquisa de mestrado realizada entre 2021 a 2023 que teve como objeto de pesquisa as rodas culturais de *hip hop* da cidade de Niterói. A pesquisa se propôs a compreender de que maneira esses eventos têm emergido como territórios juvenis a partir da apropriação simbólica e do processo de ressignificação dos espaços públicos pelos agentes que os ocupam por meio de suas práticas culturais. Para isso, buscou-se uma articulação entre o conceito de território explorado na Geografia e o de "territórios juvenis", no campo da educação, que destaca a importância das culturas juvenis no processo de consolidação de territórios no espaço urbano.

As rodas culturais, ou rodas de rimas, são manifestações artísticas que unem expressões ligadas ao movimento *Hip Hop* (o *break*, o grafite, o *rap,* o *DJ*, batalhas de rima e saraus de poesia) em espaços públicos da cidade. Elas são organizadas com a finalidade de fomentar um espaço de encontro, de sociabilidade, de expressão artística e de lazer a baixo custo (Carranza *et al*., 2019). Esses eventos acontecem semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente a depender da organização, de forma gratuita, sem qualquer tipo de restrição à circulação de pessoas e atuam articuladas com o movimento *Hip Hop,* ocupando espaços abandonados por todo território nacional, dando visibilidade aos jovens que se identificam com o movimento.

A roda cultural tem como característica principal unir diferentes expressões artísticas em um único espaço. Assim, em uma mesma roda pode haver sarau de poesia, batalha de rima, exposição de obras de artistas de rua independentes, show de rappers, grafite e pichação. Conforme Alves (2014, p. 444) "O próprio conceito de Roda Cultural sistematiza essa questão, já que é cultural, porque junta, une, acolhe as diversas formas culturais. Não fraciona o espaço; ocupa-o, compartilha-o". Logo, é na roda que as diferentes expressões artísticas do *Hip Hop*, dispersas pelo espaço urbano, se entrecruzam e coabitam, reunindo artistas independentes da cidade em um mesmo local.

Os espaços públicos urbanos, como as praças e as ruas, estão respondendo a uma demanda de uma juventude periférica que almeja alcançar o direito pleno à cidade, usufruindo dos espaços que são oferecidos e os ressignificando. São neles que os jovens encontram abertura para se manifestarem e se expressarem, mantendo-se distantes das instituições normatizadoras (Igreja, Escola. Família e Estado) que, muitas vezes, inibem suas manifestações artístico-

culturais, atuando de forma coercitiva, disciplinadora e moralista, desqualificando as expressões artísticas produzidas pelos jovens em suas periferias.

Segundo Campos (2020, p.587), o espaço público urbano para a juventude corresponde, "[...] a um campo de sociabilidade e de criatividade, utilizado como palco para o desenvolvimento de práticas que se desenrolam fora da alçada das instituições e do adulto". Segundo o autor, a cultura juvenil tem como palco as ruas; os espaços públicos urbanos, logo, para que se concretize é necessário ter como referencial o conceito de espaço como construção social, materializado mediante práticas sociais realizadas em lugares da cidade, considerando-a espaço de sociabilidades de grupos, como os jovens frequentadores das rodas culturais, que tomam suas ruas e praças como palcos para as suas manifestações artísticas.

Em relação ao espaço, Barbio (2011) destaca que este conceito é muito importante para compreendermos o que é o *Hip Hop*, na medida em que as práticas do movimento revelam vivências territorializadas que se fazem presentes nas letras da música *rap*, nas batalhas dos MCs, nos grafites, entre outras manifestações que se encontram dentro do estilo. Assim, espaços e territórios são acionados na literatura urbana e expressos à luz das interpretações dos MCs e poetas que atuam como narradores urbanos, abordando em suas batalhas de rimas temas que falam de seus contextos de vida e de si mesmos; usam suas rimas para informar, denunciar e se divertir substituindo a violência pela força das palavras. Por meio da arte e da literatura denunciam as diversas violências que suportam: de gênero, a policial, a desigualdade, o racismo, a fome, entre tantas outras mazelas sociais.

Como destaca Alves (2015), as cidades têm experimentado o crescimento de uma contra narrativa protagonizada por segmentos sociais e culturais que sofrem com a marginalização e exclusão social. Essa contra narrativa encontra-se expressa nas rimas e poesias recitadas nos saraus durante a roda, "criando um campo literário que tenciona lugares de fala, cultura, apropriação de território [na] cidade" (Alves, 2015, p. 118)

O objetivo deste trabalho é compreender de que forma os jovens periféricos, que participam das rodas culturais, vêm se apropriando simbolicamente da cidade a partir de suas práticas espaciais, ressignificando com suas manifestações artísticas os espaços públicos, como praças e ruas, e consolidando territórios juvenis.

A metodologia se dividiu em duas etapas principais. Na primeira foi realizada pesquisa exploratória baseada em revisão de literatura mediante levantamento bibliográfico em bases de dados como Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), Portal de Periódicos Capes

(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Base de Dados Scopus. Buscou-se identificar documentos (livros, artigos, etc.) que fundamentassem a discussão teórica deste estudo. Os termos-chave utilizado na pesquisa foram: território, juventude, rodas culturais e *Hip Hop.*

A segunda etapa dedicou-se à parte empírica da pesquisa, especificamente ao estudo exploratório de cinco rodas culturais presentes na cidade de Niterói: Roda Cultural da Cantareira, Roda Cultural do Barreto, Roda Cultural do Engenho do Mato, Conexão Favela e Arte e Batalha da Marina. Com o estudo exploratório das rodas, baseado na observação-participante, feito mediante idas a campo, buscou-se uma aproximação com os jovens artistas da cidade e com suas obras, conhecendo mais sobre os sujeitos da pesquisa e os espaços da cidade que são acionados, apropriados e ressignificados por eles em suas manifestações artísticas. Partindo da metodologia proposta por Magnani (1996; 2014) - etnografia urbana -, durante o campo buscou-se, em cada uma das rodas acompanhadas, descrever seus cenários, identificando marcos, reconhecendo os atores sociais envolvidos nas práticas sociais (MCs, poetas, comerciantes, organizadores, espectadores) e as regras ou *script* que norteiam os comportamentos e as práticas observados, desvelando a lógica e os significados presentes. O trabalho de campo foi realizado entre março de 2022 e junho de 2023

Na próxima seção atemo-nos a discutir a relação entre juventude, cultura e cidade utilizando como aporte teórico os estudos da Geografia. Entendemos as rodas culturais, que emergem nos territórios periféricos, não apenas como eventos artísticos que se espacializam no urbano, mas também como movimentos sociais e políticos nos quais se consolida o exercício da cidadania.

2. JOVENS, CULTURA E CIDADE: TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES

Como destaca Corrêa (2003) a cultura é uma das dimensões pelas quais podemos entender o urbano e seu processo de formação/organização. Em uma relação dialética, a cidade e a cultura se entrelaçam e se tornam um dos alicerces da Geografia Cultural. A cultura está presente na vida cotidiana, naqueles que vivem na cidade, nas famílias, nos espaços e nos grupos sociais. Como pontua Jackson (1989, p. 2-3) a cultura envolve e está envolvida em "relações de poder, refletidas em padrões de dominação e subordinação". Com esta proposição, podemos iniciar o diálogo entre cultura-cidade.

Conforme Jackson (1989, p. 3) “a cultura se constitui espacialmente”, podendo ser mapeável. A partir de suas respectivas culturas, os diferentes grupos sociais forjam sua própria forma de ver, representar e viver a cidade. Como afirma o autor, as culturas se consolidam como “um mapa de significados através dos quais o mundo se torna inteligível" (Jackson, 1989, p.2). Ou seja, é por meio de sua cultura, que os sujeitos compreendem e interpretam o espaço que vivem. Por isso, a importância de nos debruçarmos sobre a cultura de rua presente nas rodas culturais, entendendo-a como elemento constituinte dos territórios juvenis que se inscrevem na cidade e que nos permite interpretá-la.

A dimensão simbólica da cidade mostra-se viva para aqueles que a experienciam. Segundo Paula (2019, p.3048) os jovens são um dos agentes que produzem e se apropriam do espaço urbano mediante práticas socioespaciais cotidianas “carregadas de símbolos, desejos e frustrações”. Por meio destas práticas, os jovens criam territórios e territorialidades que revelam as diferentes formas de apropriação do espaço e nos mostram os distintos interesses pelo uso da cidade.

A territorialidade mencionada acima, está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (Haesbaert, 2004, p. 3). Dessa maneira, a territorialidade tem a ver com as relações políticas, econômicas e culturais que influenciam na forma como o território é vivido, organizado e significado pelos sujeitos. Nesse sentido, um mesmo espaço pode ser usado de forma diferenciada. Os distintos usos refletem diferentes territorialidades que convivem e projetam relações de poder no território.

Os jovens periféricos ao organizarem eventos culturais como as rodas nos espaços públicos urbanos produzem territorialidades que engendram conflitos visto que privilegiam o sentido simbólico do território, considerando-o como abrigo, lar ou como espaço de construção de laços afetivos. Concepção esta que vai de encontro a visão funcional que o coloca como fonte de matérias-primas, ambicionando a produção e o lucro.

Entre a dimensão funcional e simbólica, as praças públicas se constituem como espaços de encontro, como lares de moradores de rua, como palanques para políticos entrarem em contato com a população, como fonte de sustento de ambulantes e se consolidam como palcos para artistas de rua, como é o caso do *Hip Hop*. Assim, nota-se quantos usos podem ser feitos; e quantos atores sociais estão envolvidos na produção dos espaços públicos urbanos.

Identificou-se nas rodas culturais duas concepções de território: aquele que é relatado nas poesias e nas rimas (que é vivido pelo sujeito no seu cotidiano em/seu bairro; na comunidade em que vive, etc.); e aquele que é construído e produzido mediante realização das rodas em espaços públicos da cidade que denominamos de "territórios juvenis".

Inspirada em Dayrell (2003), Paula (2019) destaca a condição do jovem como sujeito social que atua e participa do processo de produção e transformação da cidade mediante ações coletivas e individuais.

> **As cidades se apresentam como territórios privilegiados de ação social da juventude. Os jovens fazem a cada dia uma nova cidade** que, em grande medida, é terra estrangeira para aqueles que não compartilham dos mesmos referenciais de identidade e se tornam impotentes para conhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas (Carrano, 2003, p. 109, grifos nossos).

Dessa forma, segundo o autor, é na cidade que os jovens constituem suas identidades, culturas, amizades e realizam a ação social. De acordo com a forma como vivem seu cotidiano, os jovens produzem outras cidades, ou melhor, territórios, onde consolidam sua autonomia e realizam suas práticas sem a rigidez do institucional, que muitas vezes, não reconhece o valor e o sentido destes territórios juvenis.

Como vimos, os jovens produzem territórios na cidade conforme seus desejos, mas os jovens periféricos usufruem menos deles, devido a sua condição socioeconômica, que restringe a mobilidade, o tempo livre e a acessibilidade. Estes jovens, na maioria das vezes, circulam por espaços que estão mais próximos geograficamente da onde moram ou trabalham, impossibilitando o pleno direito à cidade. Como pontua Cassab (2010, p. 38) aos jovens pobres "[...] são reservados fragmentos da cidade, o que dificulta a possibilidade da apropriação não apenas dos bens materiais como também dos investimentos simbólicos do próprio espaço".

De acordo com Paula (2019), o que tem mudado um pouco a situação acima são as tecnologias de informação e de comunicação que, por meio das redes, rompem as barreiras sociais existentes, democratizando mais o acesso a determinados espaços que até então pareciam inalcançáveis. Assim, torna-se possível que o jovem crie e transite por territórios frequentados por classes sociais distintas da sua. Entretanto, é importante frisar que nem todos os jovens de classes populares possuem este acesso às redes, sendo um desafio pensar numa cidade efetivamente democrática.

Como Paula (2019) comenta, o tempo dedicado ao lazer se mostra fundamental para compreendermos como os jovens vivem e usufruem a cidade, seja criando redes de

sociabilidades com os demais ou sendo agentes de práticas culturais, registrando sua marca, seu interesse, desejos no urbano. Como pontua a autora, é no tempo de lazer, do não-trabalho, que os jovens constroem suas identidades juvenis, criam laços de amizade, socializam e consequentemente, vivem materialmente a cidade, expressando sua forma de ser. Assim "[...] pode-se afirmar que os jovens, ao usar o seu tempo livre, vão demarcando territórios na cidade, por meio de suas práticas espaciais, e se tornando produtores do espaço urbano no qual vivem" (Paula; Pires, 2013, p. 92). São nos momentos de lazer que os jovens interagem, compartilham experiências, constroem espacialidades, criam laços afetivos e de identidade, e assim constroem seus territórios e territorialidades.

> [...] o lazer para os jovens aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento das relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas. É um espaço menos regulado e disciplinado que o da escola, do trabalho e da família. O lazer se constitui também como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. Podemos dizer assim, que é uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (Abramo, 1994, p.62).

Assim, segundo Abramo (1994) é no tempo dedicado ao lazer, longe do olhar crítico das instituições (escola, família, Estado), que os jovens socializam com os outros, expressam suas percepções; seus anseios, angústias, compartilham suas visões de mundo com os demais e forjam suas identidades individuais e coletivas com as quais compatibilizam. Ainda vale ressaltar que é no lazer que são produzidas as diferentes culturas juvenis. Desse modo, o lazer consolida-se como uma dimensão fundamental para compreendermos o que é ser jovem na cidade.

As rodas culturais que acompanhamos acontecem nesse tempo de lazer, geralmente à noite quando os jovens estão livres do estudo e do trabalho. Por meio da ocupação dos espaços públicos, os jovens forjam identidades, consolidam grupos, socializam, se manifestam e produzem territórios pela cidade a partir de suas ações culturais. É no tempo livre que os jovens periféricos, a partir de suas produções artísticas, se apropriam simbolicamente da cidade, trazendo sua percepção sobre as questões sociais que lhes atravessam.

É no tempo dedicado ao lazer, longe dos contextos familiares, escolares e profissionais, que o jovem conquista sua autonomia, decidindo com quem quer se relacionar e formar uma amizade, quais identidades quer experimentar, quais culturas juvenis querem conhecer, escapando, assim, das "regulações morais" das instituições que o cerca (Carrano, 2003). As

rodas culturais se colocam como atividades de lazer nas quais o jovem consegue estabelecer vínculos e forjar identidades individuais e coletivas como anseiam, por isso a relevância do lazer como categoria fundamental no entendimento sobre as territorialidades juvenis.

Como pontuam Carrano (2003) e Paula e Pires (2013) os jovens se apropriam do espaço urbano por meio das relações afetivas e de poder que atravessam seu cotidiano, através delas estabelecem territorialidades que ganham materialidade no espaço mediante formação de territórios, neles os jovens constroem espaços de sociabilidade junto com os demais que os frequentam.

No tempo de lazer que os jovens buscam atividades que lhes dão prazer, por meio delas elaboram suas próprias regras, seus modos de vida, expressões artísticas; seus sentidos de ver o mundo que os tornam diferentes dos adultos. A partir das culturas juvenis, os jovens constroem suas subjetividades; suas ações coletivas, rompendo assim com o estereótipo da sociedade que os associa a marginalidade, a bagunça e a falta de controle, ressaltando aspectos negativos (Brenner, Dayrell, Carrano, 2008).

Por meio das práticas espaciais, marcadas por relações sociais e culturais, os jovens constroem na cidade os espaços de representação que são vividos "[...] através das imagens e símbolos que os acompanham, portanto, espaço dos "habitantes", dos "usuários" [...]". Trata-se do espaço, portanto dominado, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar" (Lefebvre, 2006, p. 66) se colocando contra as representações que estão ligadas ao que é dominante, a uma ordem de cima para baixo.

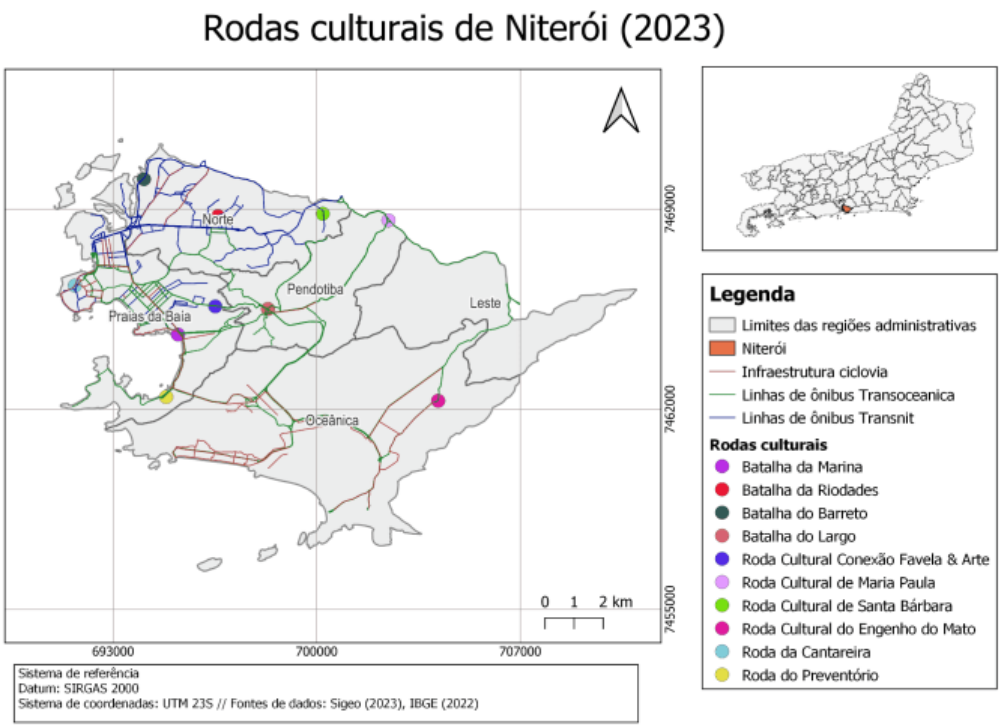
Nas próximas seções dedicam-no ao objeto em si – as rodas culturais de Niterói – mostrando sua distribuição no espaço, sua organização e analisando as informações coletadas pela pesquisadora em seu trabalho de campo.

3. AS RODAS CULTURAIS DE NITERÓI: CAMPO DE ESTUDO

O *Hip Hop*, ao longo dos anos, se disseminou por diferentes cidades do Estado do Rio de Janeiro, e um dos municípios em que ganhou visibilidade foi Niterói. Nos últimos anos, os organizadores das sete rodas ativas na cidade, as quais integram o coletivo Rodas Culturais de Niterói (RCN), têm se organizado em encontros e audiências públicas, solicitando diálogo e atenção da Prefeitura. Além disso, nas redes sociais, correm petições públicas, clamando a valorização e o reconhecimento das rodas pelo poder público, no caso, a prefeitura.

No ano de 2022, o movimento conquistou reconhecimentos importantes para sua manutenção, como a Lei 3702/2022 de incentivo ao *Hip Hop* niteroiense, e a aprovação da lei que transforma o Rap em patrimônio cultural e imaterial de Niterói. Conforme levantamento feito nas páginas do *Instagram* das rodas e mediante idas a campo, em 2023, foram localizadas dez rodas ativas disseminadas pela cidade de Niterói que possuem atividades culturais periodicamente (Mapa 1), entre elas estão: Roda Cultural da Cantareira (no bairro de São Domingos), Roda Cultural de Maria Paula (no bairro de Maria Paula), Roda Cultural de Santa Bárbara (no bairro de Santa Bárbara), Roda Cultural do Barreto (bairro do Barreto), Roda Cultural do Largo (no bairro do Largo da Batalha), Roda Cultural do Engenho do Mato (no bairro de Engenho do Mato), Conexão Favela e Arte (no bairro de Santa Rosa), Batalha da Marina (no bairro de São Francisco), Batalha do Preventório (em Charitas) e Batalha da Riodades (no bairro do Fonseca).

Mapa 1: Mapa das rodas culturais de Niterói[1]



Fonte: pesquisadora (2023)

[1] Esse mapeamento foi realizado em 2023 quando estava sendo feita a pesquisa do mestrado. Todavia, destaca-se que recentemente, em maio de 2024, foi lançada a Roda Cultural Batalha do Bumba.

Por meio do mapeamento das rodas existentes nota-se uma concentração desse fenômeno cultural nas regiões administrativas Praias da Baía (com quatro rodas: Roda Cultural do Barreto, Batalha da Marina, Conexão Favela e Arte e Roda Cultural do Preventório), Norte (com 3 rodas: Roda Cultural do Barreto, Batalha da Riodades e Roda Cultural de Santa Bárbara) e Pendotiba (com duas rodas: Roda Cultural de Maria Paula e Roda Cultural do Largo). Cenário bem diferente do que encontramos na região Leste, que abrange os bairros Muriqui, Rio do Ouro e Várzea das Moças, e não possui nenhuma roda ativa com uma programação cultural constante.

São nos espaços públicos (praças, ruas, avenidas) que os jovens encontram abertura para realizarem as rodas e se expressarem, onde conseguem escapar do institucional, construindo seu próprio modo de ser, e evidenciando suas diferenças (culturais, econômicas, políticas e sociais). Conforme Cavalcanti (2007, p. 22) “os espaços públicos são lugares de coabitação, onde se podem expressar infinitas diferenças. Neles o encontro acontece [...] assim como ocorre a explicitação das diferenças, das divergências e das contradições”.

O espaço público que ganha evidência na dinâmica das rodas é a praça. Conforme Oliveira (2007), a praça possui três premissas fundamentais que a tornam alvo de interesse dos grupos de culturais juvenis: uso, convívio e acessibilidade. Como destaca a autora, “o uso considera o costume de ir à praça; o convívio considera a socialização; e a acessibilidade, o direito de livre acesso” (Oliveira, 2007, p.180). Todos estes fatores possibilitam que a praça se torne um dos espaços mais frequentados pelos jovens urbanos, seja para manifestar suas culturas, se expressar, rever seus amigos ou construir laços de afinidade (figuras 1 e 2).

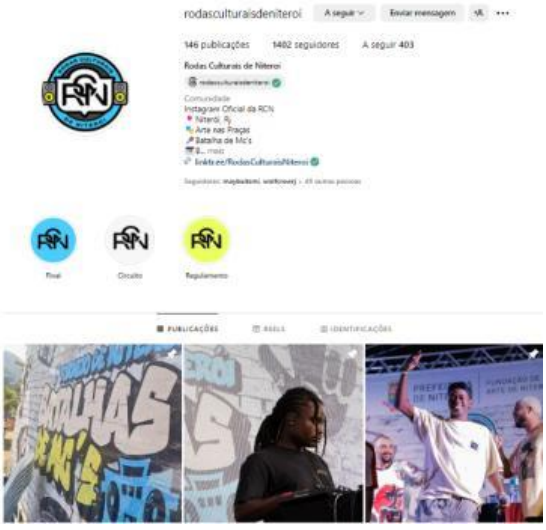
Figuras 1 e 2- Roda Cultural da Cantareira e Roda Cultural do Engenho do Mato

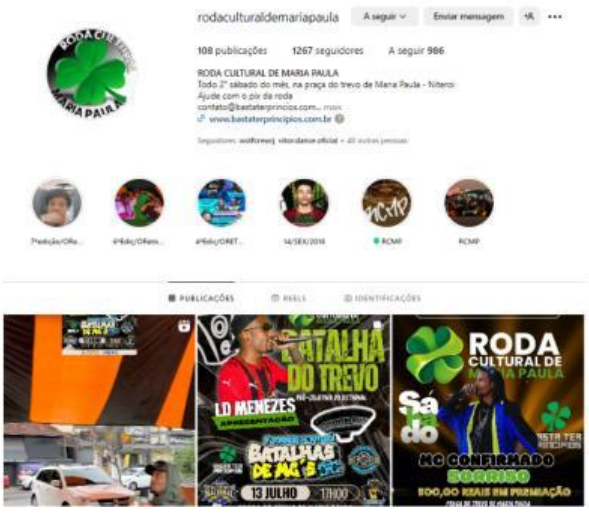
Fonte: pesquisadora (2022)

A partir da atividade das rodas a praça, dessa forma, deixa de ser apenas uma praça e se torna o espaço de manifestação cultural e de encontro, ganhando um novo sentido. Assim, os jovens recebem os espaços da cidade que são “dados” ou prontos, e sobre eles, seguindo seus princípios, anseios e desejos, dão um novo sentido e propósito, os reelaborando. Com isso forjam-se novos territórios: “territórios juvenis” (Carrano, 2013). Seguindo esse pensamento, uma praça se transforma, em um espaço onde acontecem eventos culturais; um corredor um ponto de encontro, ganhando novos sentidos. Assim, “Ao usarem os espaços da cidade, ao darem significado e sentido a determinados lugares da cidade, os jovens constroem e demarcam territórios por onde circulam" (Alves; Oliveira, 2014, p.27); estes territórios, muitas vezes, são acionados como palcos para as diversas culturas juvenis que se originam no espaço urbano como é o caso do *punk* e do *Hip Hop*.

As rodas culturais são exemplos de territórios móveis, realizam-se periodicamente em praças ou em ruas, sendo utilizados pelos artistas para suas manifestações. Quando a programação cultural finaliza, este território se exaure, sendo na edição seguinte reconstituído, seguindo um ciclo que se repete. Todavia, a territorialidade das rodas se mantém a partir das redes sociais (figuras 3 e 4) por meio das quais os organizadores e participantes se articulam, divulgam as programações previstas e se organizam politicamente. Nesse momento vemos nitidamente a inteireza desse movimento: sua dimensão artística, social e política.

Figuras 3 e 4: Redes sociais das rodas





Fonte: Páginas no Instagram @rodasculturaisdeniteroi e @rodaculturaldemariapaula

Em síntese: é através da constituição destes territórios e da territorialidade produzida pelos jovens artistas, e mantida através das redes, que as rodas culturais se consolidam como territórios juvenis. Como pontua Carrano (2013) os territórios juvenis são lugares simbólicos de encontro de identidades e interesses comuns na cidade, onde formam-se grupos de iguais. Por meio do uso de determinadas vestimentas; da própria forma de se comunicar, da apreciação de um estilo musical específico, estes grupos buscam visibilidade e reconhecimento dos demais. Desse modo, estes grupos visam aderir a marcas que os diferenciam dos demais tipos de territórios que circunscrevem a cidade. Apesar disso, é importante destacar que os jovens não necessariamente precisam estar restritos a territórios e grupos fixos, havendo a possibilidade de frequentarem múltiplos territórios juvenis que se desenham no espaço urbano, comportando o caráter plural do que é ser jovem.

Com a concretização dos territórios juvenis, os espaços da cidade, antes vistos como externos e sem significado, passam a fazer parte do jovem, de sua rotina, onde os mesmos celebram, comemoram, socializam e se encontram com os demais. Com os territórios, os jovens "buscam a inclusão, o reconhecimento, o respeito e a abertura para a possibilidade de viver a diferença" (Carrano, 2013, não paginado). É na movimentação dos corpos dos jovens pela cidade que identificamos os espaços urbanos que são acionados como territórios pelas diferentes culturas juvenis existentes na cidade (Alves; Oliveira, 2014).

> Pensar o tema territórios e juventudes exige pensar a maneira como os jovens constroem e dão significados aos espaços, através dos locais que frequentam, dos estilos de vida, da produção de culturas juvenis, dos padrões de consumo, das relações e da sociabilidade. Exige também pensar de que forma os espaços vividos, construídos e (re)significados pelos jovens influenciam suas escolhas e seus modos de vida (Alves, Oliveira, 2014, p. 18).

Como destacam os autores, para promover o diálogo entre cidade-território-juventude é necessário refletir sobre como os jovens vivem o urbano, conhecer os espaços que frequentam e onde acontecem suas manifestações culturais; identificar as culturas juvenis urbanas; compreender como os espaços são vividos/usados e ressignificados por estes, considerando assim a juventude como produtora e como parte da cidade.

Souza (2010, p.78) pontua que o território "é fundamentalmente um espaço definido e limitado por e a partir de relações de poder", poder este que não se restringe ao Estado e que não pode ser confundido com violência e dominação. Escapando da linha teórica que considera o território como sinônimo de "território nacional", ou seja, vinculado ao poder do Estado, o

autor ressalta que o território não deve ser reduzido apenas a esta dimensão, devendo ir mais além, considerando outras escalas. Avançando em suas reflexões Souza (2010, p.81), chama-nos a atenção que territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, das mais acanhadas (por exemplo, uma rua) à internacional. Assim, pode-se dizer que territórios são construídos e desconstruídos dentro de escalas temporais diferentes que podem variar de séculos até dias. Ou seja, os territórios podem ter caráter permanente, mas podem também ser móveis, temporários, periódicos, variando conforme meses, dias ou horas, como é o caso da roda cultural que dura algumas horas, forjando um território naquele período.

Durante o evento, o poder é exercido pelos jovens que organizam e mobilizam a ação cultural. Por meio das diferentes expressões artísticas (*break dance*, grafite, rima e poesia), eles se posicionam enquanto sujeitos sociais, refletindo sobre seu cotidiano e sua relação com o espaço da cidade. Por meio da apropriação simbólica do espaço ocupado, estes jovens forjam territórios pela cidade, posicionando-se contra valores e ideias hegemônicas, reivindicando sua participação e reconhecimento na produção do espaço urbano que muitas vezes é deslegitimada pelo Estado e/ou por uma parte da sociedade que não reconhece a potencialidade da roda enquanto movimento cultural e social.

Indo ao encontro do que foi dito acima, Haesbaert (2004) coloca como uma das vertentes basilares para se pensar o conceito de território: a vertente simbólica que valoriza a apropriação cultural/subjetiva, o vivido. Nesse sentido, o território é entendido como produto da apropriação de um grupo que lhe atribui uma identidade, como forma de controle simbólico, que o torna diferente dos demais. Indo na mesma direção, Saquet (2007) pontua que o território é produto do processo de apropriação e domínio social.

Nesta direção, entendemos que as manifestações culturais urbanas contemporâneas, como as rodas culturais, têm muito a dizer sobre a cidade. Por meio das expressões artísticas, os jovens constroem suas identidades, fortalecem laços de pertencimento a um grupo e a um espaço e se posicionam frente às questões sociais que os circundam, forjando territórios em praças e ruas onde encontram abertura para materializar suas práticas sociais e culturais.

Segundo Bonnemaison (2002) é por meio da cultura que são produzidos territórios pela cidade, e são por meio deles que se constrói uma dimensão simbólica que permeia a relação entre o sujeito e o espaço. Conforme destaca o autor o território é, ao mesmo tempo, “espaço social” (ou seja, é produzido mediante práticas sociais) e “espaço cultural” (vivenciado pelos sujeitos), possuindo, assim, uma dimensão social e simbólica na sua construção. Nessa

perspectiva a subjetividade e a materialidade do território se entrelaçam. Conforme pontua o autor, o território “é vivido, é afetividade, e subjetividade" (Bonnemaison, 2002, p.126).

3.1 APROPRIAÇÃO DA CIDADE PELOS JOVENS: OS NARRADORES URBANOS

Os jovens ao consolidarem territórios juvenis pelo espaço urbano a partir de suas práticas artísticas e culturais emergem como narradores urbanos por meio da apropriação simbólica que fazem da cidade em que vivem. Ousa-se dizer que não são apenas narradores, mas leitores críticos do que é viver o urbano ainda marcado por mazelas sociais construídas historicamente.

Como destaca Alves (2015), atualmente estamos experimentando o crescimento de contra narrativas que estão surgindo com as vozes e protagonismos de grupos sociais que foram durante muito tempo silenciados e marginalizados. Por meio das rimas, poetas e MCs expõem sem pudor sobre o que vivem e o que passam na cidade, ressaltando assuntos ainda pouco discutidos na sociedade como: o racismo, a violência policial contra a periferia, entre outros que são produtos da nossa história escravocrata e patriarcal como vemos na poesia a seguir:

TUMBEIROS FLUTUANTES E NAVIOS BLINDADOS

Vidas negras importam, mas estamos morrendo.
De coronavirus.
De fome.
De bala.
De tristeza.
Estamos sendo assassinados e o Estado não é conivente, é o próprio agente da nossa morte.

Os antigos sabiam e Conceição já falava
"A morte veio lavrada no porão dos navios negreiros"

Tumbeiros flutuantes
Porões cheios de corpos negros
Gente com nome e família
Em outros tempos poderia ser a sua, poderia ser a minha

Século XXI é só tormento
A cada 23 minutos mais um sofrimento
Os navios agora chegam blindados, reconhecidos pelo cheiro da morte
Qual a próxima chacina que será também esquecida
A não ser pelas mães das vítimas do Estado GENOCIDA

A PM não é despreparada, como tantos ainda insistem. Nosso luto é seu modus operandi. Enquanto uma mãe negra chora outra mãe negra morre. E nós cantamos: "venceremos!"
Mas hastag nunca salvou ninguém por aqui.

Despreparada o quê
Quantos mais tem que morrer
Pra você entender
Que nossa segurança não virá de quem está no poder

Vai, canta que favela venceu
Enquanto isso o corpo estirado no asfalto é parecido com o meu
Vai, canta aí que favela venceu
Mas o corpo de Amarildo ainda hoje não apareceu [...]

Poeta: Messias Martins, Roda da Cantareira, 2022.

Ao falar sobre esses assuntos ainda velados, os artistas consequentemente se posicionam politicamente sobre eles. Ao declamar suas poesias, eles se apropriam do espaço público da cidade (como praças e ruas) de uma forma única, uma forma própria deles. Com suas gírias e linguagens eles constroem um cenário para as suas poesias que denota o que eles passam diariamente: "busão" lotado, invasão policial nas comunidades, mortes de jovens negros, fome, dificuldade de mobilidade, desigualdade social, preconceito, entre tantos outros problemas que enfrentam cotidianamente.

CIDADE DE TODES

A cidade é de todes. O bem estar começa com a liberdade de transitar. A...
A saúde melhora quando a gente consegue se mobilizar.
Os direitos de todes podem ser respeitados para o mundo melhorar.
E faz parte da sustentabilidade também sustentar o olhar.
Olhar para a cidade.
Olhar para a cultura.
Olhar para o trânsito.
Prestar a atenção e manter a educação para alcançar a visão.
A visão de que todes ocupamos o mesmo território.
E podemos sim nele conviver.
E se o sinal abrir, quem vai atravessar primeiro? Eu ou você?
Para o mundo acessível sustentável e com mobilidade é preciso trabalhar o senso de comunidade.
É preciso abandonar a competitividade. E começar a praticar a equanimidade.
Somos seres urbanos dividindo este chão.
Somos seres humanos apenas em busca de compreensão.
Se buscarmos compreender então resolveremos a equação.
Se é direito para você.
Também é direito para qualquer cidadão.
Poeta: Elaiô Vavío, 2022, MAC.

São nas ruas e nas praças que os artistas resistem ao que lhes é imposto socialmente e economicamente. São nelas que se constroem os espaços de representação que Lefebvre (2006) menciona nos quais o lado clandestino e oculto do que é viver a cidade emerge. Onde o vivido ganha força se sobrepondo ao que é concebido (imposto - representação do espaço). É nessa relação com o espaço público que os jovens artistas produzem seus "territórios juvenis" e constroem suas próprias territorialidades, consolidando uma relação específica com o espaço que os acolhem, ressignificando-o.

Como pontua Viana (2020, p. 20) a literatura que escutamos nas rodas surge das relações cotidianas nas quais a cidade é a fonte de inspiração artística, sendo protagonista ou pano de fundo das poesias que são recitadas. Assim, "a via urbana veste-se de via literária diante dos olhos de um escritor" ganhando novos sentidos.

Apesar do apagamento e marginalização, do sofrimento histórico do povo negro em mais de 300 anos de escravidão no Brasil, as tradições orais registradas nos cantos, nas cantigas, nas narrativas não permitiram que culturas africanas e depois afro-brasileiras fossem esquecidas.

Como destaca Viana (2020, p. 75) “As vozes dos que foram impedidos de serem letrados, para narrar suas memórias em primeira pessoa, ecoam nas vozes dos poetas contemporâneos, seus descendentes”. Com isso, nota-se a potencialidade que a poesia, a literatura oral possui ao trazer hoje para as rodas temas como escravidão, desigualdade e pobreza a partir do olhar do povo negro.

Apesar de se remeterem às experiências urbanas de uma juventude periférica que nasceu e vive na cidade, as poesias abordam temas distintos, como: violência policial, desigualdade, amor, mobilidade urbana, entre outros. Isso pode ser explicado, pois cada jovem possui uma vivência, ou seja, uma relação única com a cidade. Como destaca Viana (2020, p.72) “O multiculturalismo presente nas ruas é um prato cheio para os criadores, pois o percurso nunca é o mesmo”. O sentido de percurso, conforme colocado, aproxima-se do conceito de “trajeto” trabalhado por Magnani (2005; 2014). Como vemos em suas obras, o trajeto tem relação com o movimento do corpo pelo espaço. A forma como cada sujeito se movimenta influencia na sua maneira de perceber o mundo que lhe cerca, o que configura em percepções distintas de um mesmo lugar, uma vez que possui como inferências seus princípios e valores, territórios que ocupa e trajetos cotidianos que dão identidade para o seu olhar.

As poesias que foram apresentadas mostram o olhar dos grupos sociais que são marginalizados e muitas vezes negligenciados pelo Estado, sejam eles mulheres, negros (as), trans, população periférica, chamando atenção para as questões que os oprimem. Por meio das palavras, os jovens denunciam a cidade ainda segregacionista, machista, racista, patriarcal e desigual que muitas vezes não reconhece suas existências. Nesse sentido, pode-se afirmar que declamar poesia tornou-se não só uma ação cultural, mas um ato político de resistência.

As representações de cidade que vemos em cada poesia, não estão isoladas das representações coletivas sobre os temas abordados em suas obras, sendo resultados de posicionamentos políticos frente às questões sociais problematizadoras. Por isso, ao analisar as poesias devemos considerar os jovens poetas como parte da sociedade, dos seus territórios de vida, de sua comunidade, e não como atores isolados.

Como destaca Silva (2001) refletir sobre as representações da cidade é criar um elo entre a subjetividade e o espaço, é reconhecer que a cidade é mais do que construções, contendo alma humana, alma esta que se manifesta através das diferentes expressões artísticas como a poesia por meio da qual os artistas expressam seus pontos de vistas e se manifestam a favor de uma

transformação social que dê fim às desigualdades (de gênero, raciais e de renda) e ao ciclo de violência reflexos da história nacional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da ocupação dos espaços públicos e da apropriação simbólica da cidade que as rodas culturais possibilitam, os jovens expõem seu olhar sobre a cidade, elaborando representações atravessadas por vivências e experiências cotidianas ainda cerceadas por violências (policial, racial, de gênero). Apesar disso, enfatiza-se que as rodas culturais se materializam como práticas culturais que demonstram formas criativas de ser jovem na cidade. Por meio desses eventos, os jovens se apropriam simbolicamente dos espaços públicos que não pensados e projetados para eles, e os reinventam a partir de sua arte, dando-lhes novos sentidos. Por meio das palavras e rimas criam cidades do pensamento que denotam seus desejos e frustrações enquanto sujeitos urbanos.

Por meio de suas gírias, vozes e palavras, os poetas chamam atenção para uma cidade e sociedade que ainda precisam se transformar para superar as contradições que são engendradas pelo sistema capitalista, lutando para torná-la um lugar em que possam ter acesso aos bens sociais com os demais cidadãos, ou seja, transformando-a de fato em um espaço democrático.

Por meio das batalhas de rimas e dos saraus de poesias, as rodas têm se tornado um espaço de manifestação e expressão artística de jovens periféricos, mas também de luta. Por meio da fala, eles verbalizam as situações adversas que precisam enfrentar no dia a dia, como: violência policial nas comunidades; racismo; violência de gênero; a dificuldade de se movimentar pelo espaço da cidade. Com isso, suas produções artísticas mostram-se fundamentais para as análises aqui empreendidas de uma cidade que expressa a sociedade que temos e que carrega marcas históricas de machismo, da segregação econômica e social dos mais pobres, do patriarcalismo e racismo estruturais.

Quando trazemos a juventude periférica para o centro do debate deste estudo, a consideramos uma categoria social que abrange sujeitos plurais e diversos que conquistam sua autonomia e sua identidade a partir das relações sociais que forjam, dos territórios que ocupam e produzem, dos espaços onde convivem. O olhar de cada jovem sobre a cidade é reflexo da sua condição social enquanto sujeito, ou seja, advém de contextos históricos geográficos que outras pessoas compartilham.

Ao se apropriarem dos espaços públicos, como praças e ruas, os jovens que frequentam as rodas mudam o sentido antes projetado. Nesse caso, uma praça torna-se um espaço de manifestação artística e política; um muro se transforma em um quadro onde podemos vislumbrar grafites e uma travessa se torna o espaço de encontro, de socialização, de interação da juventude, dos moradores, seus pais, seus amigos. São muitos atravessamentos que reforçam a identidade dessas pessoas com os lugares que habitam. Assim, se consolidam os territórios juvenis através das rodas pela cidade. Nelas os jovens celebram, festejam, forjam suas identidades, formam grupos e se posicionam perante seus pares, mas também (e principalmente) diante da sociedade. Por meio de suas representações expõem seus sonhos, mas também suas impressões sobre a cidade e sobre os problemas sociais que a cercam, tornando-se protagonistas de suas histórias a partir de uma contra narrativa que emerge de baixo para cima, invertendo a ordem hegemônica de produção do conhecimento.

O território criado pelos jovens durante a realização da roda é efêmero na medida em que tem sua durabilidade restrita ao tempo destinado ao acontecimento do evento. Todavia, enfatiza-se que apesar desses territórios serem transitórios "móveis", eles deixam marcas nos bairros onde ocorrem, seja por meio da mobilização comercial que incentivam; da infraestrutura que aprimoram ou por meio da programação de lazer que promovem aos moradores semanalmente ou mensalmente. Como exemplo temos a Roda do Engenho do Mato, que atua em parceria com a associação de moradores do bairro e que continua suas atividades em sua biblioteca comunitária, onde são realizadas aulas de reforço escolar, oficinas de artesanato, de dança, rodas de conversa sobre temas variados, contação de histórias para as crianças, etc.

A apropriação dos espaços públicos pelos jovens permite que eles consolidem seus territórios pela cidade, exercendo seu protagonismo (seu poder simbólico) durante a programação dos eventos. No entanto, frisa-se que esse espaço ocupado é a todo tempo disputado por diferentes atores que possuem interesses distintos sobre ele. Todavia, os jovens e organizadores têm se organizado para resistir a essas pressões por meio das redes sociais, onde divulgam violência arbitrária do Estado sobre as rodas e por onde trocam informações importantes, ou através da organização em Coletivo, uma forma de mobilização institucional que legitima o movimento perante o Estado, ou ainda através de parcerias com coletivos, universidades, associações locais, etc.

O trabalho apontou que as rodas culturais têm se consolidado não só como manifestações artístico-culturais, mas também como movimentos sociais e políticos na medida

em que possibilitam o encontro, a manifestação de opiniões sobre a cidade e o protagonismo de setores da sociedade marginalizados e negligenciados pelo poder público, como as mulheres, a população periférica, os negros e trans. Assim, nota-se que insurge na sociedade novas formas de atuação política que têm como atores principais os jovens que possuem uma forma específica de apropriação da cidade e que vislumbram como principal plataforma de luta os espaços públicos, onde conseguem escapar do olhar institucional normatizador do Estado, da família, da Igreja, organizando-se como coletivos ou grupos a fim de requerer melhorias para os espaços que ocupam nas ações culturais e nos seus territórios de vida.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

ALMEIDA, F. T. Potencialidades da gestão coletiva do espaço público: o caso das rodas culturais de Hip Hop no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2018, Montes Claros. Anais [...]. Montes Claros: UNIMONTES, 2018.

ALVES, M Z.; OLIVEIRA, I. Cadernos Temáticos Juventude Brasileira e Ensino Médio: juventudes e territórios: o campo e a cidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

ALVES, R. Rio de Rimas. 1.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. ALVES, R. Rima e a estética da resistência. Matraga, Rio de Janeiro, v.22, n.37, 2015.

BARBIO, L. Jovens (sub)urbanos: o impacto do Hip Hop na produção de identidades sociais. Fórum Sociológico, Lisboa, Portugal, n. 21, p.1-14, 2011.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). Geografia cultural: um século. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. v.3, p. 83-132.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Um olhar sobre o jovem no Brasil. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

CAMPOS. R. M. O. Juventude e culturas de rua híbridas. Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 587- 613, 2020.

CARRANZA, V et al. Rodas culturais: resistências e juventudes. **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**, Colima, México, v. 25, n. 49, p 67-87, 2019.

CARRANO, P. C R. Territórios Juvenis. Niterói, 22 out 2013. Blog do Paulo Carrano Disponível em: https://paulocarrano.blog/2013/10/22/territorios-juvenis/. Acesso em 12 de out. 2022.

CASSAB, C. Os jovens e a cidade: relações e representações. Revista de Geografia. Recife, v. 27, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2010.

CAVALCANTI, L. S. Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e formação para a participação em sua gestão. In: PAULA, F. M. A.; CAVALCANTI, L. S. A cidade e seus lugares. Goiânia: Vieira, 2007.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: n. 24, p. 40-52, set./ dez, 2003.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004.

JACKSON P. Maps of meaning: an introduction to cultural geography. London: Allen and Unwin, 1989.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: fev.2006

MAGNANI, J. G. C. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. Ponto Urbe, São Paulo, n. 15, 2014.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo social. São Paulo, n.17, v.2, p. 174-205, nov. 2005.

OLIVEIRA, M. M. B. O lugar na praça: Uso e apropriação das praças goianienses. In: PAULA, F. M. A.; CAVALCANTI, L. S. (Org.). A cidade e seus lugares. Goiânia: Vieira, 2007.

PAULA, F. M. A. Geografia, cidade e juventude(s): uma análise da espacialidade do lazer juvenil na metrópole de Goiânia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 16. Vitória, ES, 2019. Anais [...]. Vitória, UFES, 2019.

PAULA, F. M. A; PIRES, L. M. Os jovens e a cidade: práticas espaciais, redes de sociabilidade e constituição de territorialidades. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, SP, n. 35, Volume Especial, p. 87-106, 2013.

SILVA, V. C. P. Representação das cidades. Formação. Presidente Prudente, n.8, p.75- 86, 2001.

VIANA, D. Poetas de rua: a via literária na via urbana. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 11, p. 71-90, dez. 2020.